

Treinado na África do Sul

Bandido zimbabweano operou em Moçambique

N. 23/10
84

• Sitatonga, Garáguia e Tome foram locais da sua permanência

Um cidadão zimbabweano, com uma razoável instrução, esteve durante quatro anos nas fileiras dos bandidos armados, após ter sido treinado na África do Sul na especialidade de operador de rádio de Infantaria e de Aviação e ainda como tradutor de mensagens de português para a língua inglesa. Durante este período, trabalhou em alguns dos principais acampamentos dos bandidos nas províncias de Manica e Inhambane, nomeadamente em Sitatonga, Garáguia e Tome.

De seu nome Augusto Gonçalves, 30 anos de idade, é cidadão zimbabweano, filho de pai moçambicano. Ao apresentar-se, durante o encontro que há dias teve com jornalistas nacionais e estrangeiros em Maputo, disse, possuir um nível académico equivalente à nossa 9.ª classe e que é contabilista de profissão.

Fui raptado pelos bandidos armados em 1979, em Manica, perto da fronteira com o Zimbabwe, quando me encontrava em gozo de férias na terra de meu pai. Levaram-me para um lugar situado a quatro quilómetros de Untáli, em território zimbabweano, onde permaneci durante três meses — disse Augusto Gonçalves, ao iniciar o relato da sua história.

TREINO E ESPECIALIZAÇÃO

No decurso dos três meses em que permaneceu em Untáli, Augusto Gonçalves foi submetido ao treino e simultaneamente iniciou o curso de operador de rádio.

Na altura das eleições no Zimbabwe — prossegue — mudaram-nos de Untáli para a África do Sul, onde fomos instalados numa base situada em Nhamazana, junto ao Kruger Park. Depois de acabar o curso de manejo de armas, continuei com o de operador de rádio, até que, passados cerca de dois meses, terminei.

Segundo afirmou Augusto Gonçalves, nessa base do Kruger Park havia oficiais, sargentos e soldados sul-africanos que treinavam os moçambicanos nas diversas especialidades.

Concluído o curso, comecei então a operar com o rádio. A minha tarefa

era a de entrar em ligação com os acampamentos que operavam em Moçambique, receber mensagens e emitir as instruções que dali eram dadas. Também tinha a missão de traduzir essas mensagens de português para inglês, a fim de as entregar aos chefes sul-africanos.

De acordo com o seu relato, Augusto Gonçalves desempenhou a tarefa de operador de rádio de infantaria durante cinco meses. Posteriormente, foi designado para tirar o curso de operador de rádio para aviões e durante este curso efectuou muitos voos dentro da África do Sul.

ENTRADA EM MOÇAMBIQUE

Em fins de 1980 entramos em Moçambique. Fomos levados à Base de Sitatonga, na Província de Manica. Lá, além dos moçambicanos havia três brancos sul-africanos. Eram oficiais pára-quadristas, que desempenhavam as funções de «conselheiros militares» — acrescenta Augusto Gonçalves.

Quando a Base de Sitatonga foi atacada pelos soldados da Frelimo, mudámos para Garáguia, também em Manica. Ficámos muito tempo lá. Nesta base vinham sul-africanos e angolanos (alguns brancos e outros pretos) para dirigirem treinos de armamento pesado.

Augusto Gonçalves é um indivíduo pretensioso, com uma grande ambição do poder. Em muitas passagens do seu relato transpareceu esse carácter, ao afirmar repetidas vezes que ele não

era uma «pessoa qualquer». Mesmo lá, no seio dos bandidos armados, a sua ambição levou-o à cadeia, ao criar problemas que tinham como pano de fundo o desejo desmedido de subir na hierarquia do banditismo.

QUERIAM MATAR-ME

Em Garáguia — afirma Gonçalves — tive problemas, porque os bandidos queriam que eu fosse chefe. Mas eu



«Fugi de Tome em Julho de 83 e fui dar a Manjacaze, onde os soldados me capturaram» — Augusto Gonçalves

não aceitei, porque queria estudar mais e aprender outras coisas para ganhar maior experiência. Então, como não aceitei ser chefe, fui preso e mantido numa cela durante algum tempo. Tive conversações com o chefe

dos bandidos armados. Então, quando souberam disso, alguns bandidos lá da base tentaram matar-me.

Solicitado a explicar a natureza dos problemas que tivera com os colegas, Augusto Gonçalves limitou-se a dizer que eles eram muito jovens, entregavam-se a creanças obscurantistas e não gostavam de estudar. Eu não concordava com isso. Muitas vezes tentei fazer-lhes compreender que estavam errados. Então começaram a perseguir-me, dizendo que eu tinha o complexo de que sabia mais que os outros.

Mudámos de Garáguia, quando a base foi bombardeada, em Outubro de 81. Fomos para Tome. Durante o bombardeamento, o nosso chefe foi levado de helicóptero para a África do Sul. Ele estava ferido. Mas em Tome não fiquei muito tempo, porque já estava descontente. Uma noite fugi da Base de Tome, mas pelo caminho encontrei outros bandidos que me recapturaram. Quando chegámos à base, meteram-me na cadeia — adianta Augusto Gonçalves, que finaliza o seu relato dizendo:

Fugi definitivamente de Tome em Julho de 1983 (este acampamento foi atacado e desmantelado pelas FAM/FPLM em Agosto de 83) A minha ideia era de chegar a Maputo, porque para Manica seria difícil chegar, dado que há muitos acampamentos pelo caminho. Então, caminhei para Gaza, acabei muitas semanas e fui dar a Manjacaze, onde fui encontrado por soldados da Frelimo. Capturaram-me e levaram-me para Chibuto, de onde em Agosto do ano passado fui trazido para Maputo.

Após estas palavras, Augusto Gonçalves fez questão de dizer que não foi capturado, rendeu-se. Não pensa fugir da cadeia e nem tem a ideia de voltar a ser bandido armado, conforme afirmou.